

Culturgest

Fantasma

Armanda Duarte
cabeça, tronco e membros, 2012

Fantasma

A Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Gabriela Albergaria
Leonor Antunes
Michael Biberstein
Joaquim Bravo
Pedro Cabrita Reis
Alberto Carneiro
Rui Chafes
Fernão Cruz
Luísa Cunha
Armanda Duarte
João Paulo Feliciano
João Gabriel
Ana Jotta
Álvaro Lapa
João Queiroz
Julião Sarmiento
Pedro Sousa Vieira
Francisco Tropa

Esta brochura é publicada no âmbito das comemorações do trigésimo aniversário da Culturgest (1993-2023) e apoia a visita a *Fantasma Gaiata: A Coleção da CGD*. Composta exclusivamente por obras desta Coleção, Fantasma Gaiata propõe duas abordagens distintas a este importante acervo de arte contemporânea. No seu conjunto, as obras aqui reunidas permitem não só redescobrir os núcleos artísticos que a Coleção congregou desde a sua fundação, mas também conhecer as incorporações feitas nos últimos três anos, quer por intermédio de aquisições diretas, quer através do Concurso de Aquisição para Jovens Artistas.

Fantasma debruça-se sobre um dos eixos de reflexão que mais tem ocupado os artistas – particularmente, os artistas escultores – ao longo dos tempos: existência – presença – corpo – morte – memória. A noção de Corpo assume neste eixo uma posição central. Seja porque tem sido nele que temos, por norma, fixado os territórios da existência e da presença, seja porque, mais do que o espírito ou a índole, é o corpo que morre e que desaparece. Em arte, esta ligação ao corpo tem uma outra, e basilar, implicação: a arte é o produto do encontro de um objeto feito pelo corpo do artista para ser experienciado pelo corpo do visitante. Se a arte é um fenómeno de natureza intersubjetiva, o seu veículo é sempre intersomático: um corpo que faz para que outro corpo sinta.

A espinha dorsal de *Fantasma* é, portanto, uma sucessão de momentos nas várias declinações da ideia de corpo: o corpo como testemunha, o corpo como ideia, como matéria, como limite ou como lugar de pulsão, são ideias-chave que vão desvendando os múltiplos diálogos que se encenam no espaço. Nos extremos da primeira sala, um corpo extingue-se – o corpo metonímico de Armanda Duarte, transformado numa linha de balsa com a sua altura, uma linha que numa performance se elide ao longo do período da exposição – e um outro, da autoria de Francisco Tropa, soergue-se dos mortos, feito de ossos, ramos e folhas. Ambos convocam a noção de presença, dessa peculiar vibração da energia no espaço, mas parecem movidos por intenções opostas: o primeiro propõe-se regressar deliberadamente ao pó, como quem precipita o seu próprio e inevitável desaparecimento só para o poder ver acontecer, uma e outra vez; ao passo que o segundo quer regressar deliberadamente à vida, como se um demiurgo pudesse devolver àqueles ramos e àquelas folhas os predicados da matéria pulsante da carne, do sangue e da linfa. Entre estes dois corpos, deita-se um outro, o corpo fragmentado de uma *Árvore Cortada em Cubos*. A geometria a que Gabriela Albergaria sujeita o tronco da árvore recorda-nos que a questão do corpo, no seu sentido mais amplo, se joga entre os polos do geométrico e do orgânico, do natural e do artificial, da violência e do prazer, da imanência e da transcendência.

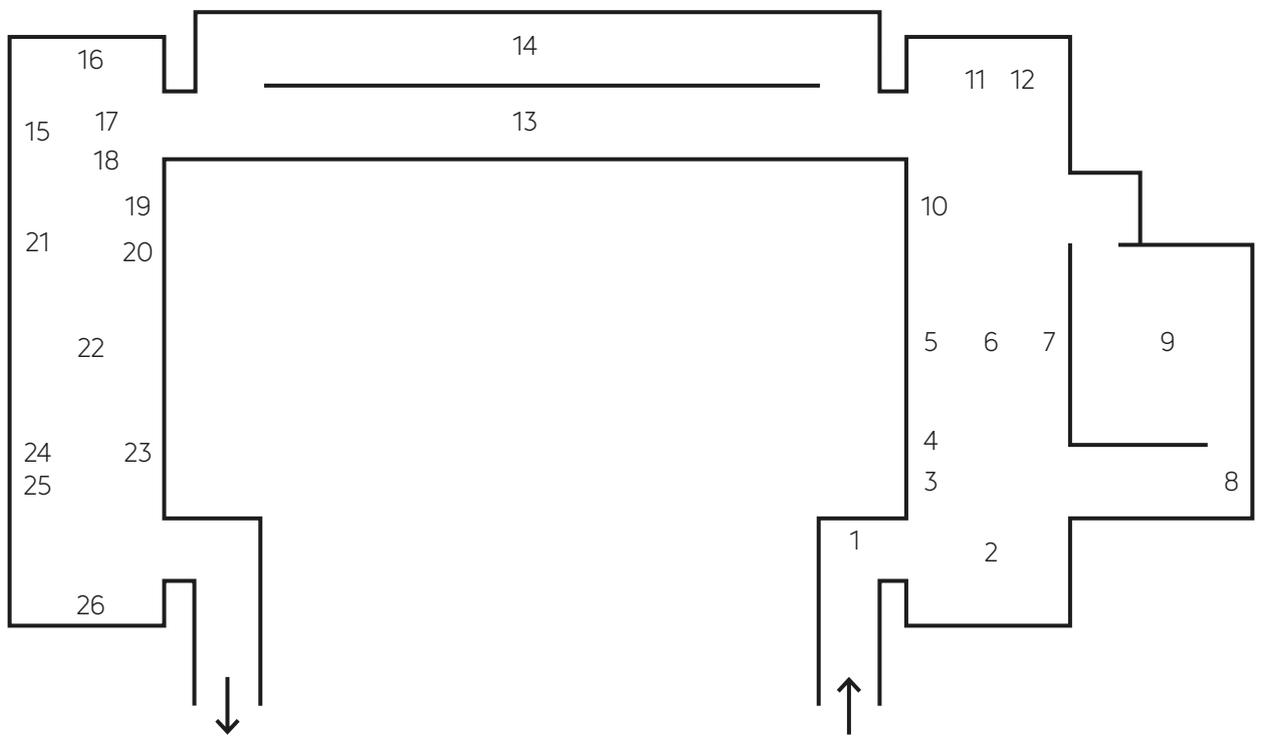
Como que numa perpendicular ao diálogo entre estas três peças, desenha-se um outro eixo, desta feita organizado em torno da ideia de corpo como lugar de experiência. As pinturas de João Queiroz são como relatos de uma deambulação na natureza. Não pretendem retratá-la nem imaginá-la, apenas deixar um relato visual dos eventos sentidos ao longo de uma perambulação: esta pedra no caminho, aquele galho esguio, um arbusto escarlata, uma dada atmosfera. Nesse sentido, elas são o oposto quer da natureza científica, objetiva e documental de *Endangered and Vulnerable* de Gabriela Albergaria, quer do *Canavial* de Alberto Carneiro. Este, na verdade, repõe um espaço “natural” nas salas da galeria para que uma experiência de atravessamento seja, de facto,

vivida pelo visitante. O tom noturno da travessia visa sublinhar a sua potência erótica, a promessa do encontro dos corpos a coberto da noite, o segredo das suas mútuas consumações.

No espaço infinito do corredor que separa os corpos simétricos da Galeria 1 encontram-se duas peças lineares. A primeira, de Luisa Cunha, deixa impressa nas paredes o sismograma dos seus braços estendidos, a altura do seu olhar e a descrição textual do processo de construção da obra. A segunda, de Leonor Antunes, convida-nos a funambular, a atravessar o corredor, pé ante pé, sobre um carril de madeira e com o apoio de uma vara cujas medidas correspondem à largura do espaço. Longe de ser um recurso de salvação, esta vara é, na verdade, um gatilho: o elemento que contribui definitivamente para destabilizar a nossa relação com a gravidade e com o horizonte, lembrando-nos que toda a escultura é um jogo de equilíbrios e um comentário ao nosso corpo como centro de perceção fenomenológica, como matéria que organiza o real a partir de uma (sua) verticalidade supostamente inabalável.

Queda é também um dos assuntos centrais das pinturas que se encontram na saída do corredor. Quando as produziu, em 1991, Michael Biberstein tomou como referência a pintura *Naufrágio*, de Claude-Joseph Vernet, pertencente ao Museu de Arte Antiga. A noção de queda explana-se, aqui, em múltiplos sentidos: a queda como mergulho desesperado do naufrago ou como mergulho deliberado na pintura; a queda como metáfora da morte ou da decadência; a queda como ideal romântico, como expressão de glória, como registo físico e visual do negro impenetrável que desponta do alto de *Very Large Attractor*. Trata-se também de um jogo de luz e de trevas, como nos torsos maculados de Pedro Sousa Vieira, na coroa baça de Fernão Cruz ou nas centelhas da bateria de Pedro Cabrita Reis.

A memória é um eco. O corpo escultórico é, frequentemente, o resalto de uma memória sobre uma superfície dura. Essa memória é feita de diferentes energias, de suplementos vindos de distintas referências e lugares, cada qual com a sua intensidade, timbre e volume. O último eixo de *Fantasma* fala-nos dessa corrente alternada de memórias que geram conversas entre artistas e entre corpos de obras. E são notórias as pistas desses diálogos no isomorfismo das peças de Joaquim Bravo e de João Paulo Feliciano, ou no recurso à luz e ao aparato industrial nas deste último e de Cabrita Reis. Os espaços que entre elas medeiam são os intervalos das múltiplas repercussões que entre eles se estabelecem, e nas quais se desenha uma das mais consequentes abordagens à noção de escultura como corpo expandido, multiforme e vernacular.





Álvaro Lapa
Melville na Bastilha, 1991-1992

- 1**
Rui Chafes
Depois de para sempre XII, 1988
Ferro pintado
- 2**
Armanda Duarte
cabeça, tronco e membros, 2012
Linha de balsa (com a altura do executante), folha de lixa e prateleira de madeira
- 3**
João Queiroz
Sem título, 2020
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 4**
João Queiroz
Sem título, 2020
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 5**
Alberto Carneiro
Memória do corpo sobre a terra, 1983-1984
Grafite sobre papel vegetal (série de 5 desenhos)
- 6**
Gabriela Albergaria
Árvore cortada em cubos e montada em linha, 2018-2020
Madeira de árvore local (recolhida no Parque Florestal de Monsanto)
- 7**
Gabriela Albergaria
Endangered and Vulnerable, 2014
Aquarela e lápis de cor sobre papel
- 8**
João Gabriel
Sem título, 2020
Acrílico sobre papel
- 9**
Alberto Carneiro
O canavial: memória metamorfose de um corpo ausente, 1968
Canas, fitas de cor, letra de decalque e rafia
- 10**
João Queiroz
Sem título, 2020
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 11**
Francisco Tropa
A assembleia de Euclides (corpo), 2004
Esqueleto de anatomia, cal, ramos de eucalipto e ervas diversas, corda de linho e de sisal, vitrina
- 12**
Francisco Tropa
A assembleia de Euclides (cabeça), 2004
Crânio em bronze, areia prensada, caixa de fundição em ferro, vitrina
- 13**
Leonor Antunes
Funambulismo, 2000-2001
Madeira de Cambala
- 14**
Luisa Cunha
Linha #1, 2002
Desenho sobre parede
- 15**
Michael Biberstein
Big wide, 1991
Acrílico sobre tela de linho
- 16**
Michael Biberstein
Very large attractor, 1991
Acrílico sobre tela de linho
- 17**
Pedro Sousa Vieira
Sem título, 1995
Encáustica, fibra de vidro, desperdícios de algodão, lamelas de mica
- 18**
Pedro Sousa Vieira
Sem título, 1995
Encáustica, fibra de vidro, desperdícios de algodão, lamelas de mica
- 19**
Joaquim Bravo
O segredo, 1985
Acrílico sobre tela
- 20**
Ana Jotta
C. A., 1984
Madeira e bronze
- 21**
Fernão Cruz
Coroação, 2019
Bronze patinado
- 22**
Pedro Cabrita Reis
H. Suite (XII), 1993
Madeira, vidro, tubos em cobre, mangueira de borracha, pano-cru, campânulas de vidro, lâmpadas, cabos elétricos e sisal
- 23**
Julião Sarmiento
O peso de um gesto, 1990
Acrílico sobre tela
- 24**
Álvaro Lapa
Caderno de Artaud, 1990
Esmalte acrílico e marcador sobre platex
- 25**
Álvaro Lapa
Melville na Bastilha, 1991-1992
Tinta acrílica, papel e verniz sobre tela
- 26**
João Paulo Feliciano
Podium Attached to its Own Fake Shadow, 1990
Pódio de madeira laminada, alcatifa, vinil autocolante, carrinho de transporte, correntes, projetores de tungstênio



Michael Biberstein
Very Large Attractor, 1991



Fernão Cruz
Coroação, 2019

Culturgest

Gaiata

Sónia Almeida
44 Sons/Fitas de Perfil, 2017

Gaiata

A Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Helena Almeida
Sónia Almeida
Jorge Barradas
Von Calhau!
Pedro Casqueiro
Lourdes Castro
Luísa Correia Pereira
Mattia Denisse
Cipriano Dourado
José Escada
Ricardo Jacinto
Igor Jesus
Ana Jotta
José Loureiro
Sara Mealha
Jorge Molder
Estevão Mucavele
Bruno Pacheco
Jorge Pinheiro
Júlio Pomar
Adriana Proganó
Jorge Queiroz
Joaquim Rodrigo
Ana Santos
Ângelo Sousa
Edgard de Souza
Bruno Zhu

FANTASMA GAIATA
Curador:
Bruno Marchand
Direção de Produção:
Mário Valente
Produção:
Fernando Teixeira
Joana Leão
Montagem:
Equipa Maria Torrada

COLEÇÃO DA
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Direção adjunta:
Lúcia Marques
Conservação Preventiva:
Maria Manuel Conceição
Assessoria:
Hugo Dinis

Imagine-se um recreio. Imagine-se que se entra num recreio sem se fazer anunciar, que se atravessa esse recreio e se testemunha os diversos grupos que o animam, os diferentes jogos, desafios e velocidades que nele concorrem. *Gaiata* é esse recreio: o território lúdico do encontro entre pares, das suas interações, ora espontâneas, ora ensaiadas. Trata-se de um fluxo de intensidade variável, de uma corrente de energia que voga ao sabor dos interesses, das singularidades e dos humores dos participantes – um fluxo que se quer perpetuar no mais alto grau de prazer e de liberdade possível, antes que a vida se reorganize em torno de tarefas e vivências funcionais. O recreio é o lugar do pensamento lateral, da lógica distorcida; o terreno fértil do acaso, do gesto irrefletido, da combustão espontânea.

O primeiro rastilho deste recreio acende-se nas colagens “rorschachianas” de José Escada, num palhaço feérico de Ana Jotta e nos *Rombordados* de Von Calhau!. Deste encontro desprende-se uma energia subversiva. Pressente-se uma comédia que muda de tom no movimento que vai dos recortes simétricos aos bordados e destes ao palhaço púdico que encima um plinto, também ele feito escultura. A tragicomédia da arte faz-se aqui do olhar que respiga objetos do quotidiano, de um arranjo floral em cartolinas coladas e da energia caleidoscópica dos desenhos a linha amarela sobre linho preto. A economia de meios na inversa proporção da intensidade sugestiva.

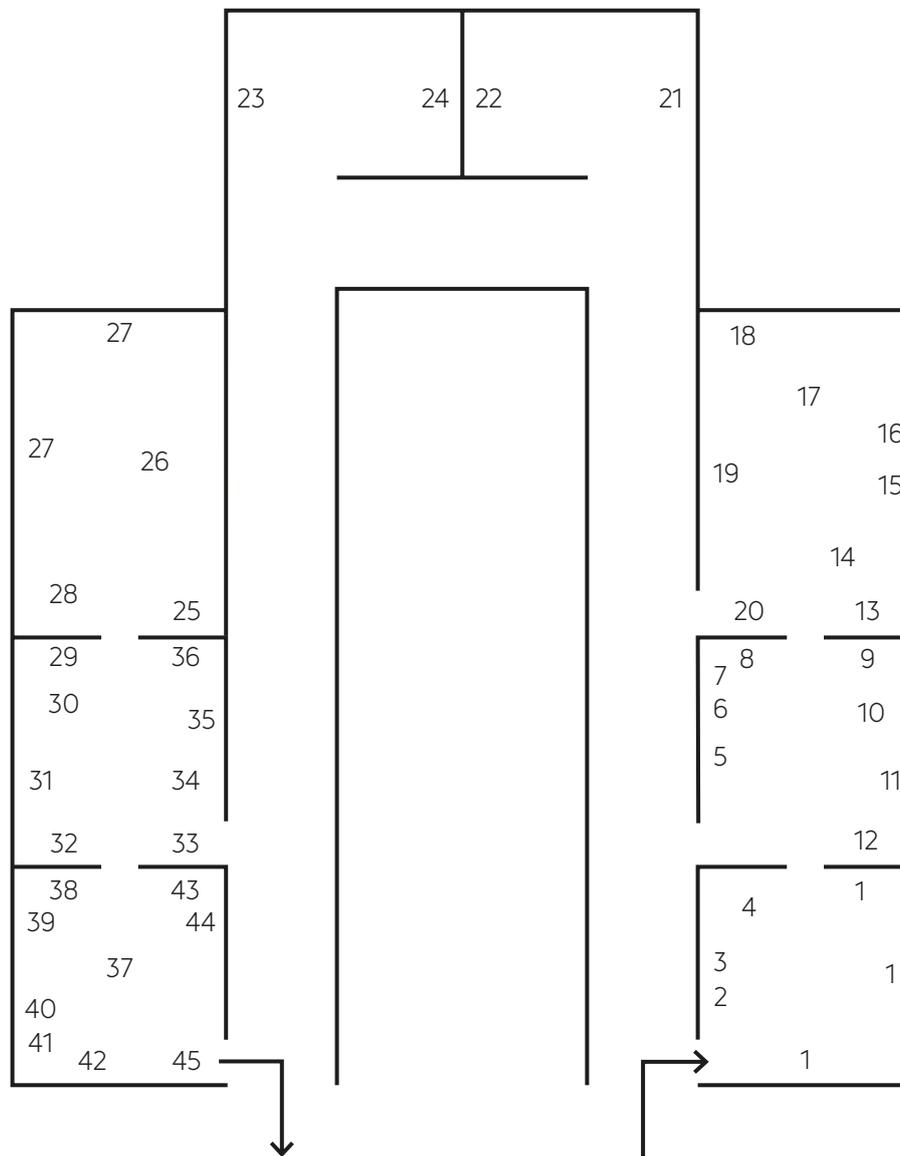
Na segunda sala da exposição há um *Homem no Armário*, metamorfoseado nas suas vestes, pronto-a-vestir, pronto a nascer. Conversa com uma pintura de Pedro Casqueiro que assinalou *34 Dias Castanhos* desde o seu nascimento. Ambos apontam metamorfoses, jogam com códigos e expectativas. A transformação e a viagem. A identidade dupla, a identidade líquida, a identidade contradita. Como no trabalho de Ana Jotta, feito de obras tão completamente díspares, tão absolutamente idiossincráticas.

Do centro da sala vislumbra-se, ao fundo, na sala seguinte, uma pintura suspensa de Sónia Almeida. É, em si mesma, um mostruário das muitas formas que a pintura pode ter. Fala-nos da revolução tecnológica, do *glitch*, do erro, da multiplicação das janelas e de como a Pintura foi, em dado momento, a única “janela para o mundo”. O que trouxe os demais participantes a este canto do recreio foi esse interesse na potencialidade da pintura. Jorge Queiroz faz dela o veículo para um mundo em fluxo constante, onde as formas se diluem numa espécie de delírio pictórico, nem propriamente figurativo nem exatamente abstrato, mas em permanente convulsão. Estevão Mucavele propõe o movimento oposto. As suas formas são tão estilizadas quanto arquetípicos e transversais são os seus motivos. As suas paisagens denotam, contudo, um uso da mão que confere um caráter tátil à experiência situado entre a segura gráfica das flores de Jorge Barradas e a promessa de fofura eterna dos Bagos de Edgard de Souza.

Dois duetos ocupam o espaço ao final das rampas. O primeiro reúne Jorge Pinheiro e Igor Jesus em torno das ideias de código, linguagem, música e matemática. A alusão a Prometheus, o Poema de Fogo, de Alexander Skrjabin, encontra um eco na busca de Pinheiro por uma matriz criativa inequívoca e totalizante. A luz estroboscópica da peça de Igor Jesus ilumina a obra de Pinheiro, acentuando a apetência de ambas pelo exercício da repetição como veículo para a experiência mística e transcendental. No espaço contíguo, o filme de Von Calhau! conta a história telúrica de dois seres unidos por um infinito cordão umbilical. É uma história de violência e de comunhão, cujos reflexos chegam ao Enigma de Édipo, de Júlio Pomar, ele mesmo uma colagem de corpos e dos seus tempos e ações amalgamadas, como se a pintura pudesse guardar, também ela, a temporalidade de um filme.

Pelas mãos de Prometeu e Édipo chegamos a outra figura mítica: Narciso. O quinto momento da exposição é pautado por obras que se encontram – metafórica, simbólica ou efetivamente – sob a égide do espelho. Todas elas manifestam, simultaneamente, um fascínio e um desconforto perante a imagem refletida. Há distorções e fugas, simulações e duplos a forçar uma descoincidência entre a imagem e o Ser. Há um estranhamento irreprimível e a estridência de um feedback provocado pela imagem do próprio a ser forçada pelos olhos adentro, a imagem que é causa e que é efeito, a perpetuar-se nesse curto-circuito. Na penúltima sala, um frente-a-frente. De um lado, as fileiras da abstração geométrica, nas suas múltiplas formulações. O *Geométrico Grande* de Ângelo de Sousa junta forças à mais democrática e longa aparição do espectro visível na peça de Bruno Pacheco (*25 Metros de Peça*) e a um Joaquim Rodrigo que pisca um olho crítico a Piet Mondrian. Do outro, Helena Almeida dá o mote da desconstrução da pintura, abrindo caminho à figuração e à liberdade formal e simbólica de Adriana Proganó. Nos entretantos, uma almofada de Lourdes Castro fixou a *Sombra projetada de Isaura Moniz de Bettencourt*, deixando clara a toada íntima que perpassa o conjunto.

As obras presentes na última sala da exposição reúnem-se em torno da noção de brilho. Ao centro, uma obra de Ana Santos resplandece. O seu corpo prostético é feito da junção de elementos de naturezas díspares que, não obstante, afirmam a sua unidade: um frankenstein em inox e nylon, a devolver-nos os matizes de luz circundantes na verticalidade dos seus braços cilíndricos. Uma combinação de elementos *prêts-à-emporter*, como os conteúdos das caixas de Lourdes Castro. O jogo de luz e sombra é o domínio estrito das pinturas de José Loureiro aqui presentes. A sua aparente simplicidade mascara um trabalho virtuoso da mão e nem sempre é evidente se foi a sombra que se apôs à luz ou o inverso. Por fim, a gravura neorrealista de Cipriano Dourado traz o nosso olhar da dupla de mondadeiras para o branco-luz da enxada que uma delas transporta, o lugar da promessa de transformação do que nos entorna pela força do trabalho, da partilha e da colaboração.



1
Von Calhau!
Rombordados, 2020
 Linha amarela em
 linho preto

2
José Escada
Sem título (recorte azul),
 1968
 Recorte e colagem
 de cartolinas de cor

3
José Escada
Sem título
(recorte branco), 1968
 Recorte e colagem
 de cartolinas de cor

4
Ana Jotta
LDJ - Luz de Jota, 2001
 Madeira pintada,
 cerâmica e fotografia

5
Ana Jotta
Escultura, 1993
 Serigrafia sobre tela

6
Sara Mealha
Sem título (série Parte I),
 2020
 Óleo sobre papel

7
Sara Mealha
Sem título (série Parte II),
 2020-2021
 Óleo sobre papel

8
Ana Jotta e
Pedro Casqueiro
Solitaire Universel, 1994
 Caixas de cassetes,
 fita Dymo, prateleira
 de madeira e vidros

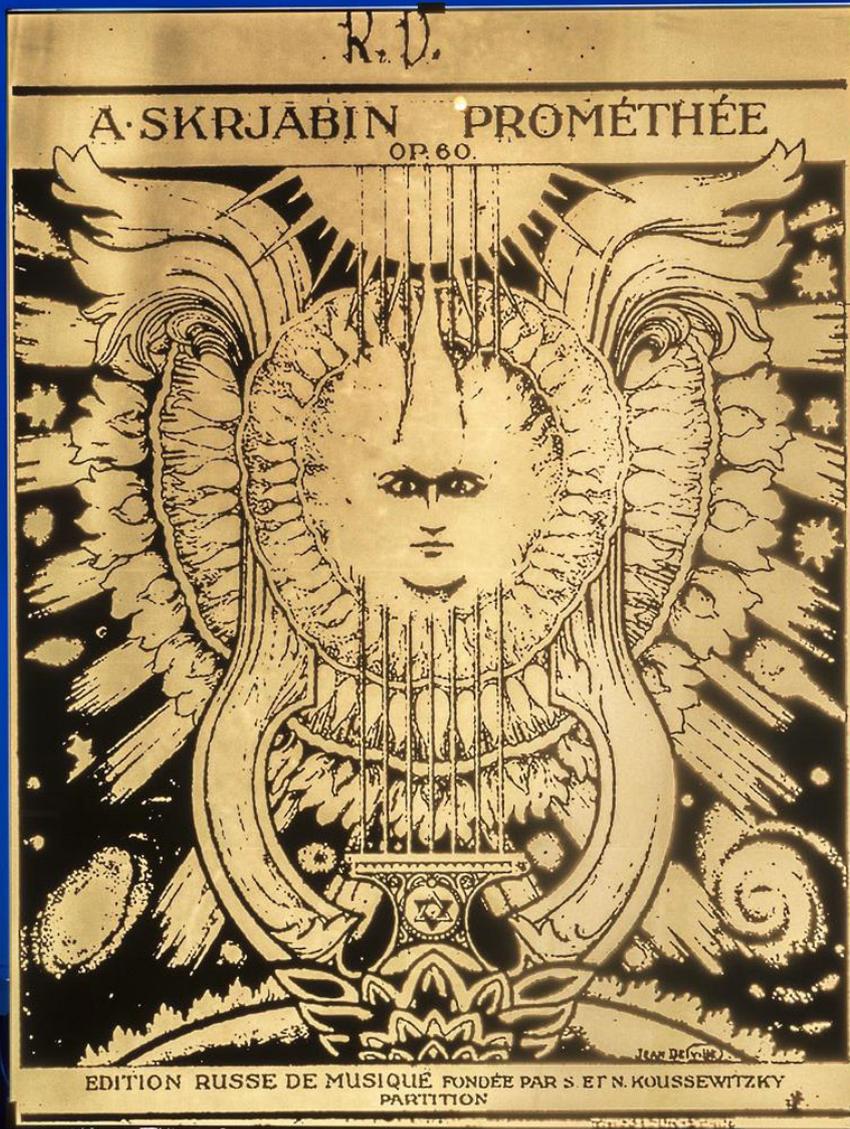
9
Pedro Casqueiro
Sem título, 1993
 Serigrafia e acrílico
 sobre tela

10
Ana Jotta
Par, 1993
 Borracha e bronze

11
Bruno Zhu
Homem no Armário,
 2017-2019
 Calças de homem
 alteradas, lã, algodão,
 cartão e cabide

12
Pedro Casqueiro
34 Dias Castanhos, 1993
 Óleo sobre papel japonês
 colado em tela, lacre,
 fio do norte e fórmica

- 13**
Luísa Correia Pereira
4 Bolas - 4 arcos - 1 pau, 1973
Monotipia
- 14**
Edgard de Souza
Bagos, 1991
Pele de vaca sobre madeira
- 15**
Estevão Mucavele
Chegada do Inverno, 2001
Acrílico sobre tela
- 16**
Sónia Almeida
44 Sons/Fitas de Perfil, 2017
Óleo sobre contraplacado marítimo
- 17**
Sónia Almeida
Pockets and Lies, 2020
Peça de tecido (algodão, lã, poliéster, papel) com livro de artista, desenhos a óleo sobre papel e xilogravuras
- 18**
Jorge Barradas
Gravura, 1967
Litografia
- 19**
Jorge Queiroz
A Day Later 1, 2020
Tinta acrílica, óleo e serigrafia sobre tela
- 20**
Estevão Mucavele
Montanhas de Moçambique, 1999
Acrílico sobre tela
- 21**
Jorge Pinheiro
Mensagem Inequívoca I, 1977
Acrílico sobre tela
- 22**
Igor Jesus
Poem of Fire, 2021
Led wall, impressão UV sobre vidro, estrutura metálica, halteres, sintetizadores, oscilador, célula fotossensível; vídeo full HD, loop, som generativo
- 23**
Júlio Pomar
L'énigme d'Oedipe, 1978
Acrílico e colagem de tecido sobre tela
- 24**
Von Calhau!
AVESSO, 2011
Filme 16mm transferido para vídeo full HD
- 25**
Mattia Denisse
Aquele é exactamente semelhante a mim; como o é Litotes, 2019
Monotipia
- 26**
Ricardo Jacinto
O (de Eco a Narciso), 1998
Microfone sem fio, altifalante, espelho, tripés, monitor, câmara de vigilância, cabo de aço e motor
- 27**
Jorge Molder
Inox, 1995
Provas de gelatina sal de prata
- 28**
Ana Jotta
Who cares?, s.d.
Bibelô, espelho e livro
- 29**
Ângelo de Sousa
Sem título (Geométrico grande), 1967
Suporte de platex, preparação acetato de polivinilo, pintura a guache, acetato de polivinilo, verniz de cera à tableaux
- 30**
Bruno Pacheco
Studio Ashtray, 2005
Plástico, tinta acrílica, metal e papel (assemblagem)
- 31**
Bruno Pacheco
25 meters of piece, 2005
Acrílico sobre tela
- 32**
Joaquim Rodrigo
Vermelho x azul n.º 3, 1958
Óleo sobre tela
- 33**
Helena Almeida
Sem título, 1970
Acrílico sobre tela e volumes em tela pintada com enchimento de esponja
- 34**
Lourdes Castro
Sombra projetada de Isaura Moniz de Bettencourt, s.d.
Recorte e bordado sobre tecido de algodão
- 35**
Adriana Proganó
Connected, 2020
Óleo sobre tela
- 36**
Adriana Proganó
Sem título, 2020
Óleo sobre tela
- 37**
Ana Santos
Sem título, 2019
Aço inoxidável e poliéster
- 38**
José Loureiro
Sem título, 2003
Óleo sobre tela
- 39**
José Loureiro
Sem título, 2005
Óleo sobre tela
- 40**
Lourdes Castro
Caixa alumínio (óculos), 1962
Assemblagem de objetos diversos, tinta de alumínio
- 41**
Lourdes Castro
Caixa alumínio (lagostins), 1962
Assemblagem de objetos diversos, tinta de alumínio
- 42**
José Loureiro
Sem título, 2006
Óleo sobre tela
- 43**
Cipriano Dourado
Mondadeiras, 1959
Litografia
- 44**
Ana Santos
Sem título, 2020
Ferro galvanizado e pintura lacada
- 45**
Ana Jotta
Sem título, 1997
Bandeira de aviso em pano com círculos recortados, cabo de madeira e fio de algodão



Igor Jesus
Poem of Fire, 2021



Von Calhau!
Rombordados, 2020



Bruno Zhu

Homem no Armário, 2017-2019